

COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva (org.). *Inovação e tecnologia – caminhos para o ensino de línguas adicionais*. Curitiba: CRV, 2016.¹

Luizete Guimarães Barro²

Notícias sobre a ampliação do ensino de espanhol no Brasil são bem recebidas, ainda mais em épocas como a que vivemos e em estados em que pensamos que as inovações educacionais e tecnológicas estão ainda engatinhando. O livro que acabamos de ler traz esses dois tipos de inovação: educacional, no sentido de mostrar o intento de adequação do professor e ensino do século XXI à realidade da sociedade do presente; e tecnológica, no sentido de capacitar o professor a utilizar as ferramentas oferecidas pela sociedade digital na qual está inserido. Os autores desse livro contam a trajetória de implementação de um Centro de Idiomas – CI – em um Instituto Federal de Educação Tecnológica do estado do Amazonas – IF-AM.

O CIIFAM – Centro de Idiomas do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Amazonas – nasce em Manaus, por decreto de 2013, dando início aos trabalhos pedagógicos em 2015, sob a coordenação da organizadora dessa obra, Iandra M. Weirich da S. Coelho, professora de espanhol. E o fato de que o espanhol não figure na capa, como título da obra, nos leva a alertar ao público leitor desta revista, que o material contido nas páginas do livro merece a atenção dos hispanistas, em geral, e dos professores de língua espanhola, em específico, por tratar-se de conteúdo linguístico e metodológico que nos concerne.

O volume versa sobre o período inicial de atuação de um centro de línguas, sendo espanhol e inglês alguns dos principais idiomas lecionados nesse centro, além do francês, línguas indígenas amazônicas, Nheengatu, e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. De acordo com o título dos capítulos, se pode comprovar que o espanhol figura como tema de três capítulos específicos: o de número quatro – “A aprendizagem colaborativa no ensino virtual do espanhol: práticas e reflexões no contexto” –; o

¹ Recebido em 13 de novembro de 2017. Aceito em 04 de dezembro de 2017.

² Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). luizetebarras@yahoo.com.br

capítulo seis – “Avaliação do uso do *Facebook* como ambiente digital de aprendizagem do espanhol” – e o capítulo nove – “Formação continuada em serviço para professores de espanhol no contexto das tecnologias”. O inglês, por sua vez, participa com dois capítulos: o cinco – “Ensino semipresencial: novas possibilidades para o aprendizado de língua inglesa” – e o sete – “O uso de *corpus* no ensino de inglês para fins específicos: uma proposta pautada no ensino híbrido”. Apesar dessa divisão pelo idioma, o livro desperta interesse pela atualidade nas concepções pedagógicas e pelo ambiente plurilíngue no qual se insere, como o da região amazônica.

O título da obra, *Inovação e tecnologia – caminhos para o ensino de línguas adicionais*, não fala de espanhol, mas sim do ensino de “línguas adicionais”. É interessante ver que essa categorização faz com que o campo de abordagem não se resume exclusivamente a uma língua nem à experiência amazônica, do norte do Brasil, visto que há o intercâmbio entre sul e norte, pela troca de experiência entre as professoras-pesquisadoras de diferentes instituições brasileiras. No caso, a obra conta com a parceria colaborativa entre o CIIFAM e a UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-americana –, dado que uma das professoras desta universidade, Jorgelina Tallei, participa como autora de um dos capítulos.

Antes de tratar desta participação, queria frisar que ouvi, na universidade de Foz de Iguaçu, pela primeira vez, o termo “língua adicional” como referência à língua não-materna que faz parte do currículo escolar. E para compreender melhor esse termo, que forma parte do amplo espectro que reúne conceitos variados da Linguística Aplicada, tais como: língua estrangeira (LE), segunda língua (L2) e língua para fins específicos, lanço mão da explicação do próprio livro, que define línguas adicionais de acordo com SCHLATTER e GARCEZ (2009), dizendo:

Nossa opção pelo termo “adicionais” leva em conta o repertório linguístico já utilizado pelos estudantes [...]. Assim, em situações comunicativas, a distinção entre segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE), como pertencentes a outros países, em contraste com a língua nativa, pouco importa. [...] O nosso entendimento para língua adicional refere-se, portanto, a um acréscimo que as línguas trazem a quem se ocupa delas. Em outras palavras, uma adição a outras línguas que o estudante já possui em seu repertório linguístico, particularmente o português (língua materna), o inglês (língua ofertada nos currículos escolares do ponto de vista institucional e nacional), além do espanhol (obrigatório nas instituições fronteiriças e de oferta obrigatória, porém, de matrícula facultativa para o aluno, de acordo com a Lei n. 11.161). [...] Em diversos casos, essa língua adicional não é a segunda, pois outras línguas estão presentes, como é o

caso das comunidades surdas, indígenas, de imigrantes e de descendentes de imigrantes. Além disso, temos em conta que o espanhol e o inglês, as duas línguas adicionais oferecidas nas escolas da rede pública estadual, são de fato as duas principais línguas de comunicação transnacional, o que significa que muitas vezes estão a serviço da interlocução (COELHO 2016: 19).

Explicada essa determinação linguística, que coloca espanhol e inglês como objeto dessa abordagem, passamos a tratar do lado metodológico da publicação. Dizemos que vemos nela uma orientação que tem como germe os ideais libertários de brasileiros como Paulo Freire (citado nas páginas 63 e 203), cuja concepção de educação como processo de autonomia encontra eco em palavras de pensadores mais recentes, como MORAVEC (2011: 54), que reconhece o professor e aluno como: *“En el ámbito del aprendizaje, esto significa que todos nos convertimos en coaprendices y también en coeducadores, como resultado de la construcción y aplicación colectiva de nuevos conocimientos”* (MORAVEC 2011: 54-55 apud COELHO 2016: 39).

Nesse particular, também percebemos um percurso que concebe a educação como um trajeto de ensino, passando para a concepção de ensino-aprendizagem, para o que esse livro concebe como “ensinagem”, termo usado na contracapa, que diz:

Esta obra traz um conjunto de experiência de ensinar e aprender línguas que contempla resultados parciais da implementação de um **“Plano de Inovação para o Ensino de Línguas adicionais 3.0”**, elaborado com o objetivo de consolidar uma nova lógica de ensinagem, por meio de mudanças graduais na dinâmica do trabalho docente e nas decisões pedagógicas e administrativas (COELHO 2016: contracapa).

“Ensinagem” deve nascer da simbiose entre os conceitos de “ensino” e “aprendizagem”, e é termo utilizado numa interessante publicação espanhola *Prepara tu escuela para la sociedad digital: claves para sumarse al cambio*, editada pela *Fundación Telefónica*, e que serve de base às atividades pedagógicas relatadas aqui. Nela se conceitua o Plano 3.0 – nomenclatura que não se vale de palavras para denominar seu universo conceitual, mas sim de números, pois aponta a experiência vivenciada pela escola nos três últimos séculos.

De acordo com essa numeração, a escola gregária da sociedade do século XIX, do início da revolução industrial, corresponde o primeiro estágio de desenvolvimento tecnológico, razão pela qual se chama a escola dessa época de educação 1.0, segundo as

ideias adaptadas de Lengel (2012). Graças à evolução vivida no século XX, o pragmatismo se reforça, assim como se ampliam os métodos e modelos preconizados pela escola do período posterior, considerada como educação 2.0. Mais veloz que essa época, com a dimensão tecnológica da comunicação em rede, o professor orientador do século XXI trabalha, entre seus alunos, como um interlocutor e colaborador, em uma sociedade plurilíngue da era da educação 3.0. Dessa forma, explicamos os fundamentos pedagógicos que se baseiam em Lengel (2012), para quem:

a educação não evoluiu junto às necessidades do mundo ao seu redor. Existe uma clareza crescente na sociedade [...] de que a educação precisa mudar. Que temos escolas do século XIX, professores do século 20 e alunos do século 21. Que não dá mais para termos um ensino tão padronizado (COELHO 2016: 40).

O reconhecimento da necessidade de reformulação escolar faz que Coelho se valha de teóricos do presente século, como o português Antonio Nóvoa (2009) – citado nas páginas 202 e 203 – para quem a educação em rede atende aos anseios da sociedade globalizada atual. Moran (2015) é outro educador com conhecimento de informática, que trabalha pelo desenvolvimento da Educação a Distância e cuja obra sobre “ensino híbrido” serve à metodologia proposta e é citada na página 69 da obra resenhada.

Nesse ponto, voltamos a tratar da colaboração de Jorgelina Tallei, professora da UNILA, autora do terceiro capítulo – “O ensino híbrido em prática: sala de aula invertida e metodologia por projetos nos contextos de línguas adicionais”. Para compreender o título desse capítulo, devemos dizer que “ensino híbrido” compreende, segundo autores como Christensen; Horn; Staker (2003): “as vantagens do ensino online combinadas com os benefícios da sala de aula tradicional, permitindo que os estudantes aprendam virtualmente ao mesmo tempo em que se beneficiam da supervisão física e, em muitos casos, instrução presencial” (COELHO 2016: 42).

Com essas palavras, fechamos essa resenha, não sem antes dizer que resumimos aqui alguns aspectos linguísticos, assim como alguns aspectos metodológicos da obra em questão, de autoria da professora do estado do Amazonas e de colaboradores. Faltou, no entanto, mencionar as referências à internet que fazem parte das notas de rodapé e que não foram por nós tratadas. Essa contribuição se soma às outras e pode auxiliar e muito aos professores de línguas que desejam inovar e adaptar suas aulas ao conteúdo contemporâneo e fascinante do universo virtual. Sobre as novas tecnologias e

os recursos digitais, essa obra nos aporta a sua mais importante contribuição, que poderá ajudar a fazer de você, prezado leitor e docente de espanhol, um professor mais atualizado, isto é, um professor da escola 3.0.